

O DISCURSO HISTÓRICO NA ANÁLISE DE ROBERT ROSENSTONE: O EXEMPLO DO FILME O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO

Aline Campos Paiva Moço¹

Muito já se discutiu sobre a possibilidade de analisar filmes como documentos históricos. Uma das propostas mais aceitas desde os anos 60 do século passado é a de Marc Ferro, historiador francês da chamada Nova História que procurou teorizar como os filmes podem ser objetos de uma reflexão instigadora. Para ele, os filmes podem ser analisados como testemunhos do presente em que foram realizados e pela sua especificidade imagética, permitem que espaços não-visíveis da sociedade aflorem. Ferro também utiliza o conceito de contra-história, que pode ser encontrado em filmes que atuam como fontes de crítica a poderes instituídos.

Nos Estados Unidos, nos anos 50 do século passado, muitos teóricos e estudiosos do cinema já tinham começado a se interessar pela dimensão social dos filmes e a maneira como eles refletiam a realidade. Partindo de uma visão da história como discurso, a historiografia norte-americana sobre as relações cinema-história defendem, de modo geral, que o cinema e o vídeo constituem formas válidas e necessárias para se representar o presente e/ou passado e, ao mesmo tempo, refletir sobre suas peculiaridades.

A intenção deste artigo é relacionar as concepções de Robert Rosenstone, respeitado representante da historiografia dos Estados Unidos, sobre a relação cinema-história analisando o caso do filme *O Nascimento de uma Nação* (*Birth of a Nation*/1915).

O Nascimento de uma Nação tem como enredo a história de duas famílias dos Estados Unidos, uma do Norte e outra do Sul, ligadas pelo romance de seus filhos. Os conflitos começam com a Guerra de Secessão (1861-1864) que separa os protagonistas e busca prender a atenção do público pela clássica história de amor impossível. A guerra termina e a Reconstrução dos Estados Unidos começa trazendo sofrimentos aos brancos do sul que se vêem subjugados pelos negros recém-libertos e pelos radicais políticos nortistas. Somente com a chegada da Ku Klux Klan é que o amor dos casais pode se realizar e que a nação norte-americana, antes separada, pode seguir unida.

De acordo com a análise de Robert Sklar, o filme procurou glorificar o Klan encapuzado do Sul anterior a Guerra Civil e ridicularizou a Reconstrução negra e o desejo dos negros de conquistar seus direitos políticos. A trama, ainda segundo Sklar, foi formulada no racismo apaixonado e no medo das relações sexuais entre brancos e negros. Griffith ainda mostrou a guerra e suas conseqüências, os sacrifícios do Norte e do Sul, o desejo de moderação e reconciliação entre os americanos, representados no filme pelo martírio de Lincoln.

Como o filme histórico é uma representação do passado e um discurso sobre o mesmo está imbuído de subjetividade. Ainda que aborde fatos reais, nunca abandonará a sua condição de representação já que a linguagem cinematográfica sempre implica em seleções,

¹ Mestranda em História Social pela puc SP, financiada pela CAPES.

montagens, generalizações, condensações, ocultações quando não em invenções ou mesmo falsificações.

Essa linguagem é específica do cinema e faz parte da cultura contemporânea do corpo produtor e do público. A realização do filme parte do presente que despertou certas atenções para aquele acontecimento passado. A escolha de representação do passado existente no filme está intimamente relacionada com o período em que este foi produzido.

O Nascimento de uma Nação foi lançado quando a Primeira Guerra Mundial completou a ascensão do cinema norte-americano em termos de indústria. Nos anos que precederam a guerra os cineastas franceses e italianos eram reconhecidos como os melhores do mundo e exportavam seus filmes para todas as partes do globo. A guerra, no entanto cortou-lhes a produção, assim como impediu a expansão do mercado cinematográfico inglês e alemão proporcionando a expansão do cinema norte-americano.

Antes dos Estados Unidos entrarem nesta Grande Guerra Mundial, seu cinema já tinha os contornos, métodos e linguagens graças às inovações que diversos cineastas propuseram ao longo de quase trinta anos. Um cineasta em particular, David W. Griffith, alcançou um destaque pelo sucesso de seus filmes na Biograph Company.

Gradualmente, ele assume a responsabilidade até então dos operadores, de posicionar as câmeras trazendo novo significado ao termo diretor de cinema. Como exímio diretor se tomou um mestre na iluminação, no contraste claro-escuro, de luz e sombra, usando a luz para o aparecimento e desaparecimento gradativo das imagens e a iluminação focalizada nos indivíduos. Dirigiu seus atores para uma atuação mais contida e assim mais intensa, uma vez que trouxe o rosto dos seus astros para mais perto da platéia com os close-ups.

A Guerra Civil dos Estados Unidos é um tema que remete a sua memória pessoal. Ele nasceu em Crestwood, Kentucky, em 1875, sob o impacto da derrota do Sul na Guerra de Secessão. Sua memória é a da civilização sulista aristocrática da old plantation. Seus heróis são aqueles bravos cavalheiros que lutaram para defender uma ordem de paz entre senhores e escravos. Os mitos que ele admira são aqueles criados pelo reverendo Thomas Dickens que afirmam a supremacia branca e aristocrática.

O filme é uma adaptação do livro *The Clansman: an historical romance of the Ku Klux Klan* de 1905. A autoria do livro e depois da peça teatral, ambos de muito sucesso nos Estados Unidos é Thomas Dixon Jr. Um ministro protestante nascido na Carolina do Sul em 1864. Ficou conhecido pelos discursos que afirmavam a supremacia branca e os valores tradicionais da família, nação e democracia.

O livro *The Clansman* junto com *The Leopard's Spots* inspiraram o filme *O Nascimento de uma Nação*. No entanto, o que inspirou Dixon a escrevê-los foi o livro que talvez alcançou o maior sucesso literário nos Estados Unidos do século XIX, *Uncle Tom's Cabin*, de Harriet Beecher Stowe. Publicado em 1852, o romance procurou comover os brancos sobre os abusos da escravidão através da estrutura literária melodramática. Os escravos do livro são caricaturais, extremamente bons e passivos diante da opressão dos seus senhores (masters) que assim justificam a sua libertação. O sucesso da obra no Norte foi apontado como um desejo que os abolicionistas tinham em convencer o resto do país

de sua ideologia. Até 1901 o livro era o romance mais lido nos Estados Unidos e a peça teatral inspirada nele a mais assistida. *The Leopard's Spots* e *The Clansman* foram feitos como uma continuação do *Uncle Tom's Cabin* para refutar as idéias abolicionistas e de integração da obra.

A Ku Klux Klan apareceu pela primeira vez na Carolina do Norte em 1867 e possuía 40.000 membros. Em 1870, com a ajuda da KKK, os antigos confederados retomaram seus postos no comando da política local. Em 1871 prenderam o governador Holden, primeiro governador na história dos Estados Unidos a ser impedido de exercer sua função depois de uma eleição democrática.

A família de Dixon era parte integrante da vida da organização. Seu tio, Coronel Lee Roy MacAfee era líder local da Ku Klux Klan e seu pai membro efetivo.

Como ministro da Igreja Batista em Nova York, Dixon adota posições políticas claras: apóia a independência cubana, a eleição de Theodore Roosevelt (neste momento concorria ainda para governador do estado de Nova York) e publica três livros de apelo propagandístico contra o álcool e as diversões próprias dos saloons.

Esse passado idealizado foi muito bem recebido pelo público que vivia as dúvidas e as incertezas da modernidade. As transformações do início do século XX nos Estados Unidos, particularmente, presenciou uma crescente onda migratória que inflava as cidades. A classe média mudava-se para longe das áreas industriais criando os subúrbios e dando nova configuração às zonas urbanas.

Os imigrantes, principalmente do Sul e Leste europeu, despertaram os preconceitos. Chegavam aos milhares trazendo uma diversidade de culturas e religiões. Uma onda de patriotismo se inaugurava e o dilema da entrada dos Estados Unidos na guerra ou não se instaurava. A busca pelo mito dos pais fundadores, a terra prometida que concedia liberdade aos peregrinos e democracia aos imigrantes, o Destino Manifesto, enfim, a Nova Canã ensinada nos primeiros livros didáticos de história estudados por Marc Ferro (1994), procurava no seu passado os motivos para entrar na Grande Guerra. O filme *O Nascimento de uma Nação* estréia quando os Estados Unidos buscam na sua história seu fundamento e seu destino.

O filme histórico-dramático seguindo as coordenadas de Rosenstone conta história como história, um conto com começo, meio e fim. Um conto que te deixa uma lição de moral, embutido em uma visão mais ampla de história, que é sempre progressiva. Podemos perceber o tempo nos filmes históricos, principalmente nos hollywoodianos, com uma linearidade que tende mais a engessar o filme.

Utilizando o exemplo de *O Nascimento de uma Nação*, a construção do tempo linear escolhido pelo diretor é óbvia. O filme traz em inter-títulos as datas em que tais fatos ocorreram, os motivos que levaram os personagens a tomarem certas atitudes. Sempre uma causa e uma consequência.

Os personagens inspirados em ícones do passado que o público já conhece tem um destaque todo especial. Rosenstone argumenta que filmes históricos geralmente insistem em que a história é a história de indivíduos. Alguns que ainda não são famosos, são pessoas

comuns, mas que fizeram coisas heróicas ou admiráveis, ou que sofreram más e incomuns circunstâncias de exploração e opressão são criados.

No caso do filme utilizado aqui como exemplo de análise, o personagem principal, o mocinho hollywoodiano do drama, cria a Ku Klux Klan para libertar os homens brancos do Sul dos insultos que consideravam estar sofrendo por parte dos escravos recém-emancipados. Durante o filme, o argumento de que os negros abusaram do poder atribuído a eles e se tomaram pessoas arrogantes e ambiciosas é construído continuamente. Como consequência desses abusos, Ben Cameron cria a organização terrorista inspirada nos (pseudo) conceitos da supremacia branca (e no caso dos Estados Unidos, protestante). Mesmo sendo um personagem é atribuído a Ben a missão de representar os fundadores da KKK.

Colocar indivíduos no centro do processo histórico pode significar que a solução de seus problemas pessoais passam a ser a solução dos problemas históricos. A recepção do filme pode ser um bom indicativo: em 1915, quando o filme estreou nos cinemas dos Estados Unidos, recebeu em geral críticas favoráveis e entusiasmadas. Um dos componentes que fizeram com que a Ku Klux Klan renascessem depois de anos no ostracismo foi o filme e a justificação histórica que este proporcionou aos membros quando acusados de violências e abusos. Já que a organização foi a solução e a conquista do "final feliz" para Ben, poderia ser para a nação que se identificou com ele.

Principalmente na cinematografia produzida nos Estados Unidos o filme nos oferece história como uma história fechada, simples e completa do passado. A afirmação histórica com o grau de confiança de O Nascimento de uma Nação é nítida. O filme tanto mostra personagens históricos reconhecidos quanto trechos de livros respeitados pela maioria do público na época. Significativo são as passagens usadas da obra de Woodrow Wilson, presidente do país no período. Proporcionando uma "aprovação" ao filme, o presidente, diversos congressistas e membros do alto escalão da vida pública aplaudiram o filme em uma sessão realizada especialmente para eles, no Haley Hotel em Nova York. Além da estratégia de marketing podemos perceber que assim o filme foi caracterizado como culturalmente importante e legítimo.

Como possui a estrutura de um melodrama, ele emociona e dramatiza o passado, nos dá a história como triunfo, angústia, alegria, desespero, aventura, sofrimento, e heroísmo.

Assunto também contemplado por Cristiane Nova, uma das características fundamentais do "filme histórico" tradicional, principalmente o hollywoodiano, é a ênfase dada a emoção em detrimento de um aspecto mais racional. Griffith dizia em suas entrevistas que os filmes substituiriam os livros de história no futuro que, para ele, eram de difícil compreensão e entediantes.

Importante ressaltar que os filmes hollywoodianos que adotam a forma de narrativa histórica/cinematográfica são os mais difundidos e populares. Assim como outras peculiaridades dos americanos (que adotaram como nacionalidade toda a América) se estende, em maior ou menor grau, a outros centros de produção.

Enfim, segundo os argumentos de Rosenstone, qualquer que seja o aspecto do passado, ou a lição histórica absorvida da tela, elas serão sempre formadas por uma história fechada, uma noção de progresso, uma ênfase no indivíduo, uma única interpretação, um exagero nos estados emocionais, um foco na superfície do mundo.

No caso de *O Nascimento de uma Nação*, a defesa que Griffith fez de seu filme como obra de arte legítima, digna das elites norte-americanas, levou a defesa também de seu filme como história legítima. Para interessar os líderes de comunidades, os formadores de opinião pública, os críticos de arte e as elites, Griffith inseriu no tema, na forma e no preço os argumentos para atribuir o status de arte ao cinema. O filme era o mais caro e o mais longo já produzido até 1915. Afirmou-se que custou milhões e tinha 2 horas e meia de duração.

Griffith começou as filmagens em 4 de julho de 1914, tanto para efeitos publicitários quanto para inserir uma áurea de saudosismo e ideologização do passado. Alegando a veracidade histórica, afirmou que muitas das reconstruções históricas foram retiradas das fotografias de Matthew Brady da Guerra Civil. A construção dos cenários da Câmara da Carolina do Sul e do Ford's Theater foram baseadas em fotos de jornais. Foi utilizado o livro *Battles and leaders of the Civil War* para reconstruir carruagens, armas, uniformes e outros figurinos.

Os publicitários noticiaram que para produzir o filme foi gasto 500.000 dólares, utilizou 18.000 pessoas e 3.000 cavalos. Também procuraram diferenciá-lo de outros épicos italianos e franceses apelando para o senso patriótico de uma produção nacional dos Estados Unidos. Griffith ainda ofereceu 10.000 dólares para quem apontasse algum erro histórico no filme.

Perseguindo o discurso sobre a história ao final do conflito militar entre Norte e Sul, seguiu-se uma disputa política e cultural pelo controle da memória pública da Guerra Civil, que ficou conhecida como o mito da Causa Perdida (*Lost Cause*). Inicialmente construído pela geração confederada que lutou na Guerra Civil conduzido por homens como o ex-presidente confederado Jefferson Davis e líderes militares da Confederação que publicaram biografias românticas, organizaram associações de veteranos, construíram monumentos e procuravam, em geral, as justificativas para sua causa e as explicações para sua derrota.

Esse "Velho Sul" ("Old South"), enraizado em um imaginado mundo estável e pré-industrial, agradava muitos nortistas do [mal do século XIX, enquanto eles ficavam cada vez mais conscientes do impacto da urbanização, industrialização, trabalho intensivo e imigração em uma sociedade que mudava muito rápido (*ownfast-changing society*).

O lançamento de *O Nascimento de uma Nação* ainda trouxe uma abordagem mais popular de Lincoln que atingiu maiores audiências. Em muitos aspectos, o filme estabelece a visão humana e misericordiosa de Lincoln. Por exemplo, depois de assinar a chamada para voluntários na guerra, Lincoln é mostrado chorando. Quando o coronel Cameron é injustamente condenado como guerrilheiro, sua mãe e Elsie Stoneman pedem seu perdão presidencial que depois de alguma hesitação, a compaixão de Lincoln fala mais alto - com o inter-título "O Grande Coração" - e o perdão é concedido. Quando a mãe do Coronel Cameron lhe dá a notícia do perdão diz: "O Sr. Lincoln devolveu sua vida para mim".

Simplificando a Klan de Dixon, Griffith proporciona falsas impressões sobre a organização em cruciais aspectos. Longe de ter sua origem na imaginação do ficcional Ben Cameron na Carolina do Sul, a KKK é fundada no Tennessee em dezembro de 1865 por antigos militares confederados que procuravam entretenimento. Ela não chegou na Carolina do Sul até 1867, quando R. 1. Brunson, um dos fundadores originais, organizou-a no estado. A KKK como organização foi mais dominante depois de março de 1867 quando o presidente Andrew Johnson impôs a "Reconstrução Radical" no Sul derrotado. Conforme o tempo passou, há sinais cada vez mais latentes de que a Klan perdia o apoio da elite social branca e se tomava cada vez mais uma fraternidade de brancos pobres. Desse modo, a organização fica cada vez mais violenta até que em 1869, o Imperial Grand Wizard, ex-comandante da cavalaria Confederada Nathan Bedford Forrest, formalmente a desfaz. Focos da Klan ainda prevalecem até que em 1870 e 1871, os Force Acts prevêm que crimes cometidos pelos seus membros poderiam ser julgados pelas cortes federais. Enquanto a antiga Klan desaparece, outras organizações surgem no Sul dedicados a acabar com os republicanos radicais, como a First Baptist Church Sewing Circle e Mother's Little Helpers.

O filme *O Nascimento de uma Nação* ainda comete outras impropriedades ajudando o mito da KKK. Na Carolina do Sul, por exemplo, as cortes nunca foram dominadas por negros como o filme sugere e os ex-confederados apenas ficaram um curto tempo longe do poder. Enquanto os negros estavam em maioria na legislatura do estado nunca realmente o controlaram. Não houve nenhuma tentativa real de líderes negros de realizar casamentos inter-raciais. O estupro de mulheres brancas por negros, o pesadelo de muitos homens brancos sulistas, nunca foi uma ocorrência de relativa importância. Além disso, cruzeiros em chamas nunca foi um ritual da Klan no período da Reconstrução.

Alguns eventos podem ser apontados como chaves para a reconciliação da nação norte-americana, ao contrário daqueles apontados por Griffith. A guerra Espanho-Americana de 1898 desencadeou inúmeras manchetes observando que pela primeira vez depois de décadas, os cinzas e azuis (confederados e unionistas, respectivamente) estavam marchando juntos em tomo de um objetivo comum. Em 1909, o presidente William Howard Taft visitou veteranos da União e da Confederação em Petersburg, Virginia. Em 1912, Woodrow Wilson, de origem sulista, foi eleito presidente, o que não acontecia desde Zachary Taylor em 1848.

As circunstâncias nas quais *O Nascimento de uma Nação* foi lançado também apelam para um período em que a união e harmonia estavam sendo cultivadas. Uma das consequências da Primeira Guerra Mundial foi mostrar a diversidade étnica dos Estados Unidos. Em agosto de 1914, o presidente Wilson apelou para que os americanos sejam imparciais, já que muitos imigrantes nutriam simpatias ou antipatias com suas nações de origem ou a de seus ancestrais. Antes dos Estados Unidos entrarem no conflito em abril de 1917, a guerra serviu para que eles percebessem sua própria desunião. *O Nascimento de uma Nação* oferece uma visão de união nacional, pacifista, com elementos de sua historiografia, com Lincoln como um herói símbolo da reconciliação e união proporcionando fragmentos que despertem o sentimento nacionalista em uma sociedade insegura.

A partir do estudo do filme *O Nascimento de uma Nação*, podemos relacioná-lo com as análises gerais de Robert Rosenstone sobre o filme histórico. Para esse autor, o que

acontece no filme é, na melhor das hipóteses, uma aproximação distante do que foi dito e feito no passado, uma série de metáforas visuais que não descrevem, mas malmente pontuam os eventos do passado.

Ainda segundo Rosenstone, o filme histórico vai sempre incluir imagens inventadas e, quando muito, verdadeiras. Verdadeiras no sentido de que elas simbolizam, condensam ou resumem uma grande quantidade de fatos; verdadeiras no sentido de que elas reportam um sentido global do passado. Os filmes sempre misturam coisas que realmente aconteceram com coisas que poderiam ter acontecido; coisas que comprimem um bocado do que aconteceu para que eles caibam na restrição visual e temporal do meio e da forma.

Enfim, essa representação histórica no cinema pode levantar questões do passado e nos diz o que estas questões podem significar subjetivamente. Mas não nos mostra o passado realmente.

Bibliografia

CHARNEY, Leo, SCHWARTZ, Vanessa R. O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

FERRO, Marc. "O filme: uma contra-análise da sociedade?" IN LEGOFF, Jacques e NORA, Pierre (org.). História: novos objetos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1976.

LANG, Robert. The Birth of a Nation: D. W. Griffith, director. New Jersey: Rutgers University Press, 1994.

NOVA, Cristiane. A "História" diante dos desafios imagéticos IN Revista Projeto História, 2000.

NÓVOA, Jorge, FRESSATO, Soleni Biscouto, FEIGELSON, Kristian (org.) Cinematógrafo: um olhar sobre a história. Salvador: EDUFBA; São Paul: Ed. da UNESP, 2009.

SELLERS, Charles, MA Y, Henry, MCMILLEN, Neil. Uma reavaliação da História dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990.

SKLAR, Robert. História Social do Cinema Americano. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

STOKES, Melvyn. D. W.Griffith's The Birth of a Nation: a history of the most controversial motion picture of all time. New York: Oxford University Press, 2007.